



Adriano Scandolaráⁱ

Segundo poema de mote judaico

Se te consola,
mensageiro caduco, alguns
dos mortos tiveram, pasto de aves,
o sono negado, ingênuo supor
que o homem sem cova,
o de pulmões queimados, a filha violada, irão
levantar comovidos da vala
para revogar as ordens:

*não vos esqueçais de mim,
meu sangue há de inundar o ar
que respirais, etc*

como se

houvesse tempo sem memória e fosse
adiantar muita coisa também colar
esses cacos: é deitá-los no chão

que outra vez em

72 outros pedaços se
partem,

schlemiel

de um vaudeville barato, com vasos
quebrados e mal entendidos

(e é talvez porque

não nos entendemos
que só pela pilha de destroços
se chegue ao céu)

Ao ouvir pela primeira vez o som desacelerado de um coro de grilos

– para Jim Wilson

Raro verem mais que um verão
ressonâncias:

 aos seus
tímpanos o quanto prolongam-se esses
4 minutos —

 em algum
tempo e lugar um deus exausto adormece
sob o mormaço na varanda,

enquanto nossas vozes
pelo sereno, pelo mato à sua frente,
estrelas sonoras,
surgem e somem
surgem e somem.

Em alguma vila da Polônia

...e respondeu não de um trovão, nem redemoinho, mas com a voz frágil: "Estou cansado, Rabbi, estou morto de cansaço"

(parábola judaica medieval)

Ainda a tampa preta em cima
milênios no fundo
da geladeira a panela
esquecida, o cheiro
denuncia
a coisa
estragou, náuseia
no abrir da porta, a luz brevemente
acesa pra pegar cerveja,

e ele
bem sabe já é hora
de abrir para limpar, ver
os fungos alastrados, a carne quase
liquefazendo, ossos atolados,
mas estirado ao chão, as mãos sobre o rosto,
vai adiando o momento.

Penumbra

I

...sequer sonham, em sua ignorância, das causas que os dispuseram a terem essas vontades e desejos.

Baruch de Spinoza

Não ouvem – roncam
as motosserras
mas certo que algo na nervura
da folhagem as
presente.

Tremem
imperceptível nos galhos,
tremem
talvez esforço para
erguer as raízes do solo,

ou nem isso: melhor
do que nós conhecem seus próprios corpos
e não se iludem

se é fato, chegam passos,
espera

como se reza,
língua surda de seiva e pólen,
que seja sobre o vizinho
que a desgraça recaia.

II

*Allen Sündern soll vergeben,
Und die Hölle nicht mehr sein.*
Friedrich Schiller

Logo o corpo
aquieta

por que o desespero? porcentagem
generosa, um dos ladrões
foi salvo

(e ainda que nos sentemos nus
atados longe do sol em cadeiras de balanço, como se livres,
por essa inocência
todos também
seremos).

Metempsicose

Ontem de noite na rua um senhor
que presume-se ser um mendigo
me pergunta se eu
não quero comprar um celular
preto, do tipo de flip,
"é que eu preciso
de dinheiro pra comprar
gasolina", disse ele.

Dei as moedas que tinha
e parti
 com a esperança
de que ele, longe
de parecer ter carro,

ao som da cítara eletrônica
do telefone, pudesse
ser a reencarnação de Nero.

Tese-antítese

I. tese: tudo muda

*de caos era chamado: massa bruta e disforme,
nada senão um peso inerte e confuso,
discórdia das sementes das coisas num lugar só combinadas*
Ovídio

Porque inumanos
os elementos se acomodam
à ordem ditando
que deve o ar ficar
acima da terra
sem revezamento milhões
de anos a fio,

já eu sequer passo uma noite de sono
sem me revirar na cama,
abrindo a janela,
mais um dia não cedeu ao impulso
de virar de pontacabeça.

Guardam memória
seria falácia falar em lembrança
mas mesmo o tronco de árvore, a pedra entalhada
guardam memórias
do caos

um suéter
em que nossa inquietação é o fio solto a ser puxado

a ordem que dá lugar às coisas
vai se esgarçando.

II. antítese: nada muda

*Somewhere, parently, in the ginnandgo gap between antediluvius and
annadominant the copyist must have fled with his scroll*

James Joyce

Ainda no lugar
estátua e pedestal, céu
e crosta terrestre, o clima
piorou, fato,
mas só isso mudou.

Mesmos erros
espanando tempos em tempos tochas
e forçados nos galpões poeirentos, primeiros compassos
do massacre,
insistente
leitmotif

que se ouvíssemos,
pensaríamos ser disco
riscado
que ninguém
há séculos
tira da vitrola.

III. a síntese destrutiva

nada
de novo sob
o sol

nada de
novo
sob o sol

nada
de novo
sob o sol.

IV. coda: impossibilidade prática do niilismo

Em sérvio-croata
prosódia que evoca escombros
de apartamentos fuzis ruas sem vida

diz-se “esperança”
pela palavra *náda*.

ⁱ **Adriano Scandolara** é poeta e tradutor, nascido em 1988 e residente em Curitiba. Traduziu autores como a crítica literária Marjorie Perloff, o romancista Hari Kunzru e poetas como John Milton, John Ashbery e Percy Bysshe Shelley, sobre o qual desenvolveu sua dissertação no mestrado em estudos literários na UFPR. *Lira de Lixo*, seu livro de poemas de estreia, foi publicado em 2013 pela editora Patuá. Seu segundo livro, *PARSONA*, de poesia conceitual, está no prelo e deverá ser publicado pela Kotter editorial em 2015. É coeditor do blogue e revista *escamandro* (www.escamandro.wordpress.com).